

Resíduo diário

Alexandre Pandolfo¹

25 de abril de 2016, na folha de abertura – Eu sou. Eu era. Eu fora. Flor. Flora. Desculpe, Clarice. Obrigada, Clarice. Vou escrever aqui mesmo. Desculpe-me. Desculpe a mim mesma. Não tenho acesso a mais papéis. Tudo ficou preso lá em cima. Não. Na verdade, nós é que estamos presas aqui embaixo. Tu e eu no porão. Tem tão pouco ar aqui... E eu preciso ler. Escondida. Mas adianta anotar? Adianta pensar? Pensar noutro lugar? Duas interdições, primeiro a de ler, depois, como consequência, a de saber que leu, o registro escrito. Mesmo assim escolho anotar. Junto às letras de forma, as minhas letras, bem miúdas. Frágeis galhos sem seiva, ainda não completamente ressecados tintam este livro. Entrego-te, meu amor. No futuro. Em mãos. Sem te ver. Porque toco, leio, apaixono. É como uma espécie de presente do agora ausente. Encontrei-o em nossa biblioteca. Peguei porque sim. E, por meio dele, dou-te a mão. E o meu coração, mais uma vez para ti.

Na página 23 – Chaves, colchetes, traços e mais traços. São olhos de gatos. Lágrimas. Tenho espaço entre as linhas, bem no âmago perdido do fluxo. Onde me encontro completamente envolvida. Donde aflora a consciência. Inopinada. Inconsciente. Em ecos. Perfume de planta. Materialidade e ilusão sensível. Sentes? Meus olhos contraem-se. Pregam-se neles uma penumbra confusa. Eles esbarram abertos na escuridão. Esboço o fim da escuridão em cada coisa que me ocorre. Anoto. Distrações de uma vida vistas pela ameaçada vida. E a degeneração implícita manifesta-se, instantaneamente.

Na página 24 – Isto tudo não acontece em fatos reais. É dia feito, de repente. De novo. Do outro lado. O lodo. Isto já perdeu sua aura de absurdo? Um entrechoque de frases forma a textura de uma vida. Mergulhada em pensamentos. Transfigura a si mesma e cai: não quero mais ser eu?

26 de abril, na página 45 – Fiz uma cena nascer. Na minha cabeça. Perigoso equilíbrio no escuro. Era um enorme vazio. Ousada, passei os dedos. A encenação do futuro faz parte do escândalo. Ironia cheia de saliva. Uma hora infinita sem conter a si mesma. Uma voz. Uma linha. E o vazio não vai embora. Sexualmente isso. Uma nuvem viva. Aqui não entra intimidade. “A natureza em cântico coral e eu morrendo”. Aqui ninguém arfante. Desconjunta com o mundo. Escapa e esbarra. Há uma brecha na porta.

Na página 54 – Uma cômoda. Um lençol por cima. Nasci há pouco. Como te explicar que estou cansada? Não aguento que demore. Efeito lógico. Uma estrutura mais do que coerente. Um corpo de linguagem. Este texto te dou. Clarice me lê. Nas entrelinhas. Eu não te conto uma história. Dissimulo meu alvoroço num voo da morte. Paixão. Mal me escorre o choro de uma palavra tremeluzente. Emergindo do fundo do fundo do fundo de um vazio cheio de algo. Muito maior do que eu.

¹ Professor, escritor e pesquisador. Doutor em Letras/Teorias Críticas da Literatura (PUCRS, 2016). E-mail: alexandrecoastipandolfo@gmail.com

Na página 61 – Chaves de leitura, desenho de estrelas, criaturas de grafite. Cristais. São as sombras das letras. Arrancadas depois de perderem a sua função. Tenho uma face sem contornos. Perscruto terrivelmente. Sombras e assombros. Madrugada. Um fantasma travando o caminho. Conduz ao gênero humano. Abre um guarda-chuva e responde: num átimo ficará tarde demais.

27 de abril, na página 70 – Sucumbo à esperança. A adequação da realidade a si mesma se implode. Chegou à garganta. Realista. Contorço-me toda. A cada instante não é. Deperece. Destina-se. Inventando outro. Outra que não ser. Nem sua. Soa. Lentamente desmaia. E baba o assoalho puído. Vai nascer uma flor.

Na página 72 – Barulhos, silêncio lá fora. Os vãos da escada. Eis um gato saindo do papel. Um barco e um avião. Um cavalo que nunca ninguém tocou. Uma borboleta com uma asa rasgada. Eu não estou brincando. Não tenho medo.

Na página 73 – Naquele interior... nunca soube que estava no fim. Viver parece desconfortável. Meu incômodo corpo me exige andar nua. Para poder dormir apertada. Nem meu corpo nem meu espírito, eu te digo. É verdade o sonho que escrevi. Fabrico o futuro, mas gesto nenhum o engendrará. E mergulho de uma vez só na teia de uma aranha. De repente, já não sei. Chaves: ressonância.

Na página 74 – Dor, barulho, silêncio. Amplos desvãos. Pesados de falsas certezas. Desencanta-se daí a coisa viva. Íntima. Oblíqua. Fino vigor animal. Que não pertence ainda a língua nenhuma. E a cada instante parece ter atingido o extremo. E eu também. Um ponto bem amarrado aqui. Só amanhã, só amanhã. Eu vou... Mergulhar no torvelhinho?

28 de abril, página 90 – Eu vi, não vi? A vertigem de uma experiência que não conta. Detrás. Impessoal. Atravessando a escuridão este vivido. Um tiro de misericórdia. Suportei. Latejava palavras numa prece que não... E eis o quê? O não confessável está apenas operando. Esperando. Passou como ponte, ligando os extremos. Colchetes, parênteses e chaves de linguagens. Extremo, extremo. Tremo. Um corpo despedaçado permanece aos poucos. Lapso. Colchetes: fragmentário inopinado corpo de linguagem. Aceitas quem, aquém de ser.

29 de abril, página 97 – O cristal dos dias extenuando-se para sempre. Esquecimento sem conforto. Expirando outra cena agora.

Na página 101 – “O que te escrevo... não vai parar”. Mas depois, será assim?

Dia seguinte, depois do fim – Resto viva ainda, criatura viva no papel.

